

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

VILMA DOS SANTOS PEREIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada - Vilma dos Santos Pereira (VP)

Entrevistadores - Tania Fernandes (TF), Gleide Guimarães (GG), Michele Soares (MS)
Wagner Lyra Martins (WM) e Fábio Souza (FS)

Data - 16/03/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h02min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PEREIRA, Vilma dos Santos. *Vilma dos Santos Pereira. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 28p.

Data: 16/03/2004

Fita 1 - Lado A

TF – Entrevista com Vilma dos Santos Pereira, em 15 de março de 2004, para o Projeto História e Memória das Comunidades de Manguinhos. Entrevistada por Tânia Fernandes, Gleide Guimarães, Fábio, Michele e Wagner. Bem, Vilma, nós vamos conversar com você, gostaríamos que você nos falasse um pouco. *(telefone) (pausa na gravação)* Então vamos lá... então voltando aqui, então nós gostaríamos que você falasse pra gente, contasse a sua história aqui na sua comunidade. Desde quando você veio pra cá... é... como é que é viver aqui... enfim, contasse as suas aventuras e as...

VP – Olha só, eu não sei se eu me lembro de muita coisa não, mas o que eu puder falar eu vou falando, né? E se alguma coisa faltar vocês me lembrem. Porque eu nasci aqui mesmo, né?

TF – Quando?

VP – Eu nasci em 1944. Eu tenho 59 anos, eu vou fazer 60 anos no ano que vem, né? E nasci aqui nessa casa, aqui embaixo, né? Aqui mesmo, nesse quintal é que eu vivi. Agora, como... tudo bem, depois eu casei, mudei, voltei de novo, mas a minha vida toda, totalmente, foi aqui, né?

TF – Você casou e mudou pra outro bairro?

VP – Mudei pra outro bairro, mas depois...

TF – Foi pra aonde?

VP – Mudei pra... eu morei em Brás de Pina, morei em Vigário Geral, morei em Caxias, né? Isso com as crianças pequenas.

TF – Isso foi há quanto tempo?

VP – Ah, isso eu não tenho noção de quanto tempo não. Mas não durou muito, se durou muito, devem ser uns quatro anos... essas idas e vindas...

TF – Aí você voltou pra cá por quê?

VP – Aí eu voltei porque era... a casa dos meus pais, né? A minha mãe ‘tava muito doente, aí voltei pra ficar com ela, ajudar a cuidar dela, depois ela faleceu e eu continuei morando na casa e eu moro até hoje, né? E quan... nessa... nessa época que eu nasci, há muitos anos atrás, eu lembro que a gente sempre foi assim uma... uma... como se fosse famílias, né, as pessoas que sempre moraram aqui, sempre foram as mesmas, né, aqui dificilmente as

peessoas mudam... Quando não é que mudam é sempre parente, conhecido de alguém, então aqui se conhece muito, né, todo mundo sabe da vida de alguém, todo mundo se conhece. E sempre foi um lugar muito calmo... porque antigamente o que é que era aqui... – só bota ele num lugarzinho e dá um chocalhinho, senão ele vai querer ir pra o colo. – aí o que é que acontece? A gente... tinha um espaço muito grande, não tinha essas casas todas, era um lugar que tinha muita fruta, né, um lugar muito bom de viver... só que a gente no princípio a gente não tinha... como eu acho que em todo lugar é assim, né, água que a gente não tinha, tinha que buscar lá no outro lado, andar muito pra carregar água...

TF – Do outro lado aonde? Do outro lado da linha férrea?

VP – É, do outro lado da... ali na... na... Capitão Bragança¹...

MS – Bicão.

VP – É, no bicão. A gente pegava naquele bicão antigo. Mas tinha um bicão mesmo, enorme! A gente pegava. Quando faltava água a gente tinha que pegar água lá no bicão, né? E a gente tinha uma biquinha porque na Fundação não tinha muro, era tudo junto, né? Ou então uma cerca assim de... de arame, que a gente pulava, então a gente sempre pegava água numa biquinha que tinha, que vinha da Fundação. Quando faltava a gente tinha que ir no outro lado. E enchia aqueles latões, né, a gente enchia e às vezes, na parte da manhã não tinha água e a gente tinha que dormir na fila – você lembra daquelas filas pra gente poder... – tinha uns latões em casa pra poder encher o latão. Era uma dificuldade muito grande da água, né? Até aqui... vem dali, vem daqui, a gente conseguiu água. E até hoje também não é lá... de vez em quando falta, mas não é como a gente ir buscar naquela distância que a gente ia, né? E a gente, quando era pequenininho, a gente ia com latinha pequenininha, aquelas latas de tinta, né? Eu sei que a gente ajudava na carregação da água. A luz também, a gente não tinha luz, né. Era lamparina, né, com querosene, botava aquelas coisas, não tínhamos luz. Ficamos muito tempo sem luz, mas... a gente também vivia muito bem sem luz porque também não tinha tanta casa, era vizinhos aqui, era contar história, era ficar junto até tarde... E outra coisa também, tinha muita criação, algumas pessoas tinha cabrito, galinha, porco... lá em casa tinha galinheiro... A maioria das pessoas criavam seus porcos porque tinha sua... sua própria alimentação em casa, né, galinha... E era muito bom porque... era diferente de hoje. Porque hoje a gente tem sim, uma dificuldade financeira, mas a gente tinha naquele tempo como tirar da própria casa, do próprio lugar, né? A Fundação por sua vez era aquela coisa de... não era Fundação, chamava Instituto Oswaldo Cruz, era aquela coisa de contrato, tinha sempre vaga pra capina porque era muito mato... Ali onde era a ENSP era brejo, né? O pessoal ali criava, como é... criava rã, preá, essas coisas todas. Então era um lugar que era farto assim no sentido da nossa vivência. Entendeu? Pra gente era ótimo, né? E outra coisa também, era muito fácil ter sempre vaga pra as pessoas ‘capinar’, pra cortar capim porque tinha aquele negócio de cavalo, boi... tinha muita coisa. O pessoal na carroça, né, sempre tinha muitas pessoas que tra... da... da nossa comunidade, muita gente trabalha na Fiocruz até hoje, mas no passado trabalharam muita gente, né, pela... pelo Instituto Oswaldo Cruz que não era essa coisa toda. Era cavalaria, né? E agente... e lá... lá na

¹ O entrevistado refere-se a rua Capitão Bragança.

Fundação também, os guardas antigamente – acho que talvez não seja só lá, né, aqui no Instituto Oswaldo Cruz – era os guardas era a cavalo. Eu... eu lembro que eu tinha um medo, gritava: “Lá vem a cavalaria!” Aí a gente escondia, as ruas eram mais amplas, né, aí os caras, os guardas de lá ‘vinha’, ‘andava’ por aqui à noite... rondava a cavalo. Ah, eu tinha maior medo! Porque a nossa mãe falava assim: “Ó, vocês fiquem de gracinha...! – qualquer coisa que a gente fizesse – “Lá vem a cavalaria!” A gente tinha sempre medo da cavalaria. E era interessante esse negócio de eles ‘vim’, né, (*risos*) e andavam por aqui, por essa área aqui porque não tinha cerca. Depois é que fizeram esse muro, há muito tempo atrás, fizeram passagem, né? Mas não era, e aqui também do lado onde hoje é... tem alguma coisa ali da COOTRAN, não si, que faz adubo, era um campo, né, onde o pessoal jogava bola... Hoje a gente não tem mais área de lazer. Hoje a gente não tem um campo de futebol pra jogar, tem que ir lá pra Bonsucesso ou pro outro lado da Avenida Brasil, mas naquela época eles já tinham um campo ali, né, que a gente chamava de “Cocheira”, que tinha uns cavalos, animais...

TF – Mas era da Fundação?

VP – Mas era da Fundação, mas era aberto, né, e o pessoal fez o campo, né, e ali era torcida de futebol, era uma alegria pra gente, né, vê os... os rapazes, o pessoal daqui jogar. Mas depois com o muro, né, muita coisa foi...

TF – Esse muro foi de quando, você lembra?

VP - ... Ah, eu não lembro da época desse muro. Eu lembro do muro, mas assim, datas, eu sou ruim de datas, de guardar...

TF – Você era pequena?

VP – É... é... adolescente. Aí eu não lembro muito do muro, dessa coisa toda não. Mas antigamente era... era... bem mais fácil, né? E também o lazer da gente, era passear de bicicleta lá por dentro da Fundação, ali onde era o Biomanguinhos, onde agora é aquele campo, a gente chamava “Rockfelles” – ainda é “Rockfelles”, né? – “Ah, vamos lá pra ‘Rockefelles!’” Passear de bicicleta era o nosso lazer, né? Era o nosso mundo, era isso. Porque era tudo aberto. E a gente ia ver os macaco, a gente ia ver bicho que tinha lá... E antigamente também no Evandro Chagas, há muitos anos, havia muito índio, né, de fora. A gente achava muito interessante ver índios, né? A gente via à distância. E às vezes também eles ‘vinha’, domingo também eles ‘vinha’ passear até aqui, porque naquela época era tudo aberto, não tinha essas coisas todas, né? E a nossa... a nossa comunidade ficou assim... era muito “Fundação-comunidade”, até porque não era essa coisa de hoje, né, era coisa do passado. Então como lugar eu acho excelente porque aqui eu criei os meus ‘filho’, aqui eu me criei, né, os poucos... eu já, eu aqui, a coisa assim da violência, violência tem em qualquer lugar, mas aqui já é uma coisa bem mais fraca... viciados têm em qualquer lugar, aqui tem, mas não tem boca de fumo, não tem aquela coisa de armamento, não tem essa violência. Porque eu sempre trabalhei fora, sempre trabalhei. Trabalhei na Fundação agora, há uns 15, 17 anos, mas antes eu sempre trabalhei fora, né? E criei meus filhos aqui. A minha porta às vezes dormia com uma cortina, ninguém nunca abriu minha cortina. Nem de

dia, nem de noite, eu saía pra trabalhar com as crianças, voltava, nunca houve nada dessas coisas que... Até hoje! Se eu esquecer aquela porta ali fechada, aberta, ela vai amanhecer aberta, né? Não... pelo menos da minha parte. Eu digo isso porque eu vivi isso. É a vivência que eu tô dizendo, né, é a experiência que eu tenho de vida. Então como lugar aqui é muito bom. Agora eu acho, assim, que em matéria de evolução, não evoluiu muito, né? Porque as outras comunidades têm uma associação que funciona mais, é mais ativa, tem projetos, tem uma porção de coisa acontecendo. Enquanto a nossa associação não acontece nada. E o nosso bairro não tem nada assim, nada, nada, nada! Como comunidade eu acho que não tem nada. Eu acho que... eu não sei, as pessoas... o que é que as pessoas pensam, né, em relação a essas coisas. Porque uma escola a gente tem que ir pra Penha, tem que ir pra Bonsucesso ou tem que ir pro outro lado, aí tem aquela coisa do tiroteio, das pessoas acharem que aquele outro lado é violento, né, cada um tem o seu... Então preferem até ir pra Bonsucesso, pra outros lugares do que ‘vim’ pro lado de cá. A gente não tem uma área de lazer. Agora é que fizeram aquela pracinha ali, né, uma politicazinha aí no ano passado, as crianças ainda brincam ali e lá na frente, na subida, também tem uma área de lazer onde as crianças brincam. Mas um campo de futebol não tem nada! Escola... não tem nada. Só tem mesmo: a água, luz e o esgoto muito mau, muito deficiente, né? Enquanto as outras favelas têm outras coisas, eu sei que cresceu mais em relação a muita coisa. Não é mesmo? Tudo bem que aqui tem o posto de saúde que é ótimo, é da Fundação, mas como comunidade, eu acho que a nossa comunidade, ela não... ela podia ter crescido mais, né? Crescido mais aqui, desenvolvido mais, né, em outras partes, ações sociais, em outros lugares... Eu vejo tantas comunidades, tanta gente, tantos... presidentes de associação olhar sua comunidade, ver melhor, aqui não. Aqui hoje a gente ainda tem a briga da água porque de vez em quando fica todo mundo sem água. Lá em cima então, tem pessoas que carregam água o dia todo! Aqui na parte de baixo não, mas da Fonseca² pra cima tem gente...domingo mesmo o pessoal tá carregando água. A água já vem... Coitada da (inaudível), sobrou pra ela! (*risos*) A água vem, a gente tem bomba... é claro, né?! Vem com bomba, aquela dificuldade, mas ela ainda vem. Mas aí em cima não se pode mandar água, né, essa bomba de água nossa é antigo. Agora, gente, me... escu...faz eu lembrar de mais alguma coisa!

TF – Me diz o seguinte, essa diferença, a gente percebe quando vem andando, uma diferença grande entre os pedaços desse... poderia chamar de Morro Amorim, né?

VP – É.

TF – Como é que você vê essa diferenciação, como é que ela foi sendo implantada, digamos assim? As grandes avenidas tem aqui embaixo (inaudível)...

VP – É, mas aquela área assim já é uma área urbana, né? Já é uma área urbana, ne?! Aqui não, já é o Parque Oswaldo Cruz, eu digo mais essa parte porque a parte que cresceu foi aquela parte, porque não é aquela parte favelada, já é uma área urbanizada, já é um... uma outra... Eu vejo assim: é uma parte urbanizada, já cresceu de uma outra forma, mesmo assim ela é bem... a gente diz que cresceu porque ela é mais organizada, é urbanizada... e aqui não é porque é o lado mesmo da comunidade, da favela né. E que as pessoas foram

² Refere-se a Rua Rosa da Fonseca, do Morro do Amorim.

fazendo as suas coisas de acordo com as suas necessidades, com seus meios que têm, né? Se a minha casa hoje tem em cima tem em baixo, eu vou correr atrás, fiz... aquela outra coisa “cada um por si”, né? Não é, as pessoas lá, elas têm uma situação melhor, né? Herdaram, né, ou têm um terreno, uma coisa regularizada, né? Nós aqui não, a gente...

TF – Aqui não é regularizada.

VP – Aqui a gente não tem regularização nenhuma, né? As pessoas que moram há muito tempo, pegou, quando meus pais vieram, né?...

TF – Seus pais vieram pra cá...?

VP – (*risos*) Agora o ano eu não sei, não sei te dizer, quantos anos não.

TF – Como é que eles vieram pra cá? Por que é que eles vieram?

VP – É, por quê? Porque aqui, né, além de ter essas... essas... poucas casas, né, cada um tinha a sua área bem grande, né? A gente morava, era muita coisa: jaca, não sei que mais... O que é que acontecia? O meu tio, ele... ele veio de Santa Maria Madalena – porque toda a minha família é de Santa Maria Madalena, né? – ele veio e... eu não sei como é que meu tio veio parar aqui, não sei te dizer bem não. Eu sei que ele veio... deixa eu pensar bem... pra te dizer ao certo como meu tio... eu sei que eu tenho um tio que sempre morou aqui, né? Ele trabalhava na Fundação Oswaldo Cruz.. na... no Instituto Oswaldo Cruz, não é na Fundação. Ele trab... trabalhava na carroça cortando capim pra os bois, pros ‘cavalo’... cuidando dos animais.

TF – Esse sempre... você tem idéia desde quando ele veio pra cá?

VP – Mais de 50 anos porque só 50 anos eu tenho, né? Mas eu não... eu fui até na minha irmã, mas ela não estava (inaudível). Porque a minha irmã tem uma... tem uma... ela é melhor de data e ela veio primeira do que eu. Mas ela não ‘tava. Fui até cedo lá pra falar com ela, pra ela dar uma ajudazinha...

TF – Ela tem quantos anos?

VP – Minha irmã tem 70 e...

TF – Ela mora aqui...?

VP – ...e 4. Mora!

TF – Seu tio veio antes.

VP – Meu tio veio antes, né? Porque ela é minha irmã, ela veio assim, eu sei que... como é que meu pai veio, o meu tio não tenho bem lembrança não. Não sei dizer como é que ele veio não. Eu sei...

TF – Será que ele veio trabalhar na Fiocruz e veio pra cá?

VP – É, mas aí ele veio lá de Santa Maria Madalena com alguém que eu não sei te dizer. Aí trabalhava na Fiocruz, trabalhava no Instituto Oswaldo Cruz, não era IOC então. Aí o que é que aconteceu? Ele... e através desse conhecido, ele conseguiu... esse emprego na Fiocruz, aqui no Instituto Oswaldo Cruz. E morava.... e conseguiu um espaço, porque parece que ele morava longe, pra ficar, pela amizade, né, com esse senhor que já mora aqui há muitos anos e... conseguiu um espaço pra ele fazer a casa dele. Tudo bem, e o meu pai, né... meu pai quando veio, ele foi pra... pra Niterói. De Niterói ele foi pro Morro de São Carlos no Estácio. Então, parece que eles moravam perto de uma pedra, teve uma chuva muito grande e a pedra ‘tava botando em risco a nossa casa, a casa deles, que eu ainda não era nascida. Então... aí o meu pai entrou em contato com esse meu tio, meu tio falou: “Ah, então vem!”, conversou com o senhor porque cada um tomava conta de um espaço bem grande. Aí pronto, meu pai veio, fez uma casa, fez um barraco e ficou morando, entendeu? E ali eu nasci. Minhas irmãs não, já eram nascidas. Uma nasceu em Niterói e a outra lá pra Santa Maria Madalena. Nasceram pra lá. Só que o meu pai não trabalhava na Fiocruz, meu pai trabalhava numa companhia chamada “Gato Preto” que depois passou a ser a “Kibon”, né? Que depois de muitos anos (inaudível)...

TF – Na Mangueira.

VP – Lá em Mangueira, é. Foi isso, parece que era Visconde de... não, era...

TF – Visconde de Niterói.

VP – Não, Visconde de Niterói, mas Rua do Matoso, quando ele começou nesse Gato Preto. Isso eu lembro porque nesse tempo ele falou. Aí depois foi Kibon, depois foi pra ali pra Visconde de Niterói³, né?

TF – E as pessoas da sua vizinhança, era mais... eram mais pessoas que trabalhavam no Instituto Oswaldo Cruz?

VP – É, a maioria trabalhava, sempre tinha alguém que trabalhava, né? Eu, minha irmã também trabalhou, mas minha irmã já trabalhou mas ainda era Instituto Oswaldo Cruz sim. Ela trabalhou na... Evandro Chagas, ela era auxiliar de enfermagem.

TF – Você sabe me dizer se, por exemplo, funcionários da Fiocruz, eles cediam o terreno pras... ou, enfim, vinham morar aqui pela proximidade do emprego ou era o contrário? Você tem essa idéia? As pessoas moravam e trabalhavam na Fiocruz ou o contrário?

VP – Na sua maioria as pessoas moravam e trabalhavam, mas tinha muitos colegas que... porque tinha muito espaço, teve pessoas que ‘veio’ pra ficar mais perto, não é? Tinha pessoas que vinham pra trabalhar mais perto... Mas na sua maioria as pessoas já... já... por

³ O entrevistado refere-se a Av. Visconde de Niterói.

aqui era fácil, né? “Tem uma vaga pra capinar...” “Tem uma vaga...” um falava pra o outro, era sempre isso, não é?

TF – Isso aqui era terreno da Fiocruz, você tem idéia?

VP – Bom, antigamente, há muito tempo, quando a gente queria melhorar a casa, as pessoas falavam assim: “Ah (inaudível) a gente não pode fazer nada aqui não porque no dia que a Fiocruz cismar...” não, não é Fiocruz, eu tô falando Fiocruz porque é o momento “...cismar, eles vão vir na nossa casa e mandam agente embora...” (*risos*) a gente tinha sempre esse receio. Mas ano foi passando, foi passando, e isso nunca aconteceu, aí cada um foi melhorando a sua casa, entendeu, e acabou essa história. Essa história era do antigo, né? “Não pode melhorar a sua casa porque a Fiocruz pode pegar.

TF – A Gleide quer falar.

GG – Essa... essa história antiga, ela é comum a toda essa região. Todas as pessoas, mesmo as que vieram pra o CHP2, tinham uma casa, elas pensavam... passava essa história de boca em boca, dessa mesma forma: “Não adianta investir aqui, melhorar, porque o dia que a prefeitura quiser, ou o Estado, tira a gente daqui.” Entendeu?

VP – É, isso é.

GG – Então a gente sempre conviveu com essa ameaça, até uma hora (inaudível).

VP – O que a gente achava que era Fiocruz, por não ter muro, depois fizeram. Mas aí, depois que fizeram o muro, o pessoal disse: “Não, já separou, então a história vai ser outra, né...”. Mas quando tinha aquelas cercas que a gente... né? E aqui também, na época também, uma coisa também que eu acho que muito interessante, né, a gente ainda não tinha luz, aí depois, né, botou luz, muita gente não tinha assim condições de ‘tar comprando rádio, aí até o seu Joaquim Venâncio, né, foi até um grande... ele morava nessa casa onde agora é... qualquer coisa de adubo, era a única pessoa que tinha televisão. Porque a gente não tinha televisão. Então a gente ia todo mundo ver televisão. Então tinha também um muro... muita... muita... – como é que se diz? – muita... muita planta, muita árvore, aí à tarde, né, ele deixava a gente ir na sala dele, a gente sentava pra ver televisão. (*risos*) Toda a tarde a gente ia ver televisão na casa do seu Joaquim Venâncio. E pra gente era uma coisa, né?! Pelo menos pra gente que morava aqui perto. Na nossa saída, né, a gente nunca teve televisão. Depois de muitos anos é que a gente conseguiu ter uma televisão. Mas era muito interessante isso.

TF – E essa chácara que tem aqui no final da tua rua?

VP – Ah, isso aí também são pra eles... é isso que eu queria falar com você, mas eu não tive tempo ainda de ir lá. São moradores bem ‘antigo’. Todos trabalharam na Fundação Oswaldo Cruz. Os pais deles eram... me esqueci até o nome do pai dele... o seu Juca, né? Eles são ‘antigão’ mesmo. Trabalharam muitos e muitos anos. Então a história, ele deve ter uma história bem... bem mais... né, do que eu? Deve saber.... Eu tive pra falar isso com ele,

se ele estava disposto a colaborar. Mas você sabe que o tempo é curto, tem dia que eu com as crianças, é tanta coisa... e eu esqueci de falar com ele. Mas hoje, de repente na hora que vocês saírem eu vou com o Chapéu ali e vejo se vocês podem falar com ele se ele estiver, porque ele tem uma história porque ele foi de muitos anos mesmo. A família dele todinha trabalhou na Fiocruz.

MS – E sempre existiu essa chácara?

VP – É, não é bem chácara. O que é que é? Eles tinham um terreno muito grande que vai até lá. Eles foram uns dos que não cederam (*risos*) pra ninguém, entendeu? Eles tinham aquela coisa: “É meu!” E era muitos “irmões” era muita gente e quando teve essa coisa de muro, aquilo ali não era deles, eles chegaram mais pra o muro, né? Aí foi uma confusão danada porque tinha passagem pra os outros, ele foi abrindo, foi abrindo... e abriu, você vê só um bequinho pra as pessoas passarem. Porque eles ali ainda criam porco, ainda tem um pouco dessa coisa de galinha, de coisa... Mas tem espaço lá pra trás que é até vazio, que ninguém nem... né, nem ninguém usa. Que deveria até servir pra outras pessoas. Mas eles têm o que é deles, entendeu? O que é deles, que eles pagam imposto e Deus me livre se alguém pegar um pedaço daquele pedaço!

TF – Vocês pagam imposto aqui?

VP – Não, mas eles dizem que pagam! Diz que é deles, diz que é deles!... (inaudível).

TF – Deus me livre o quê? Sai briga?

VP – Deus me livre!... Ah, sai confusão! Não, eu tô falando: Deus me livre se alguém falar o contrário! Porque eles brigam, né? É, mas eles mesmos falam que é dela, não tem esse negócio não! Teve uma época que entrou um presidente na Associação que pediu um pedaço pra poder fazer não sei o quê. Um movimento aí qualquer, social, pra o bem da comunidade, ele disse que não, que ele paga, que aquilo ali é dele, são muitos ‘irmões’, né, eram muitos ‘irmões’. E eles avançaram num pedaço. Mas naquela época também as pessoas eram até menos ambiciosas... não... e eles não, eles já tinham uma visão, já pensavam adiante, né? Quer dizer, isso vai daqui até lá embaixo, na rua que você entra lá embaixo, né? Chamaram parente. Agora já tem uns parentes dele morando... Tiveram também aí um probleminha com não sei quem que botou uma casa bem no quintal deles, ali por dentro... foi tudo pra advogado, uma porção de coisa... Eles perderam, a pessoa não desmanchou a casa não, entendeu? Quer dizer, tem uma casa que já fica quase lá dentro do quintal deles. Mas aí foram... e a pessoa não perdeu, entendeu? A pessoa não perdeu. Mas ali eles... é fechado.

TF – Então esses becos todos que nós vimos quando a gente desceu... é... eram casas que foram sendo, eram casas com quintal que foram sendo cedidas pra outras pessoas? Eu posso entender assim?

VP – É... Não era... é. O que é que aconteceu: as pessoas, a gente, não tinha noção dessa coisa “a rua tem de ser mais ampla...” as pessoas nunca pensaram nisso. Pensaram em ter

um lugar pra morar! E fazer sua casa, aumentar sua casa... não é mesmo? Mas nunca pensou assim –daqui a pouco eu vou aí, nunca pensou assim: “Pô, eu tenho que ter um espaço aí que é pra passar... pra passar um carro...” Porque quando eu morava aqui, o carro vinha, entrava, era diferente. O carro ia até lá embaixo, saía... entrava carro por aqui, por uma porção de lugar, hoje não entra. Aqui no beco onde eu moro não entra um carro. Aqui do outro lado, onde entrava, pode até entrar até um certo pedaço, não entra mais, o carro ia até lá embaixo. Mas as pessoas...

TF – Mas e o seu pai, esse terreno ele cedeu pra uma pessoa...?

VP – Não, meu pai não cedeu. Meu pai, ele... ele... cederam pra ele. (*risos*) Né? Cederam pra ele. Cederam pra ele. E ficou o espaço dele. Outras pessoas, poucos são os que vendem, mas tem pessoas que vendem. Tem pessoas também como meu pai faleceu, eu fiquei, outros ficam, dão pra parentes... outro casa... a minha filha mora lá embaixo, casou... e a gente vai né... se equilibrando da melhor maneira possível, né? Até pela condição de vida nossa que não tem como sair daqui pra outro lugar, né... porque é difícil. Então é por isso que eu digo, as pessoas não mudam muito, quer dizer que a gente se conhece. A maioria das pessoas antigas, a gente se conhece.

TF – O seu endereço... era aquela rua lá de cima, Sezerano Correia, né? Aquela outra rua...

VP – Não, a minha é a rua Cartola. É rua Cartola, número 6, sobrado.

TF – Ham! Porque nós pegamos na Fiocruz (inaudível) fundos, então nós viemos por ela...

VP – Ah, não! Então pegaram da associação...

TF – Isso.

VP – Não... mas aí a Associação de Mulheres, olha só, a Associação de Mulheres é Sizenando Nabuco, número 11. É ali no... a sede dela é ali no... na creche. (inaudível) Não, a Associação de Moradores! Que é 240.

TF – Era esse endereço que a gente tinha.

VP – É! Associação de Moradores! 240, fundos. Sempre foi.

TF – Me diz o seguinte, os becos, quando a gente em vindo, as ruas, tinham nomes de... de músicos brasileiros. Quem deu esses nomes? Como foi isso?

VP – É, esse... esse nome se deu até por quê? Porque o que é que as pessoas faziam antigamente? Era isso mesmo: 240, fundos. Gente, 240, fundos, você entra aqui, você vê milhões de coisas! Então até pra organizar melhor...

GG – Lembra que eu te falei da Democráticos, 30? Que é na verdade o endereço da Fundação Leão XIII, o pessoal do CHP2, toda a Avenida dos Democráticos, 30... aí dava o

número da sua casa. Aí... batia a correspondência lá e ninguém achava! Mesmo depois que se deu nome às ruas...

VP – Hum, hum. Tem pessoas que ainda ‘faz’, tem pessoas que ainda ‘faz’. Tem moradores que ainda ‘faz’. Aqui, ó: 240, fundos. Então em cima eles falam: “Rosa da Fonseca... como é? – deixa eu ver o número, tem lá... ai, meu Deus! Só um número aí, porque eles dão um número. – 106! “Moro na Rosa da Fonseca, 106!” 106 é ali. Você vai, entra no 106 tem mil casas. Cada lugar, as pessoas que moram assim, eles dão o da rua principal. Então você mora na Rosa da Fonseca, 106. Eu digo: Ora, pra mim (inaudível). Olha, 106, chego lá não vou te encontrar, você, onde mora?” eu falei, “Ah, eu moro na Dircinha Batista. Moro na Linda Batista...” Eu digo: “gente, sabe o que a gente tem de fazer, fazer isso, porque facilita quem vai encontrar a gente!” Né? Aqui também, tem Rosa da Fonseca, tem também Rosa da Fonseca, 41, fundos. 41 é ali na Pedreira. Você entra no 41, você olha, você vê tudo aqui embaixo. Aí você bota, a Marlene fazia. A Marlene: “Ah, Vilma, eu boto.” Eu disse: “Marlene, não é Marlene. Você já mora em outra rua, a Agostinho dos Santos, a rua dela, é a outra rua.” Senão é difícil. Então pra facilitar... aí teve um presidente, né, de Associação, eu não sei o nome dele não, chamam de “Jangada”, ele é que mudou pra os nomes dos ‘artista’, achou legal e aí o pessoal concordou, né? (Inaudível) Achou, todo mundo gostou. Interessante, ficou uma coisa boa. Aí botou o nome da... Porque antigamente eles queriam botar o nome dos moradores mais ‘antigo’, mas aí tinha morador mais antigo que não morava... não deu certo. Aí botou o nome, né, das...

TF – Isso é recente, então?

VP – Não, já tem anos, muitos anos isso! Já tem muitos anos. Aqui é Cartola. Por que é cartola? Porque a maioria do pessoal dessa... desse beco aqui é mangueirense. (*risos*) Eles pensavam que ele fosse Cartola, entendeu? Todo mundo aqui ‘tava Manguinhos... Então homenagem à Mangueira...

TF – Então houve uma discussão com a comunidade pra saber quais eram os nomes? Ou não, foi aleatório?

VP – É, não foi assim... tanto uma discussão. Mas foi assim: “Que tal a sua rua ser isso...?”, né, mas falavam com as pessoas mais ‘antiga’, né? Aí a gente gostou do Cartola, né? E outras foram dando o nome. Tem pessoas que na hora não... não acha, “Ah, não, não mora, mora...” (*Toca o telefone*) –É deixa eu dar uma paradinha...

TF – Dar uma paradinha? (*pausa na gravação*)

VP - Aí, Cartola, a gente achou ótimo. Porque a gente ‘vamos’, ‘somo’ tudo mangueirense aqui. Foi ótimo, mas tem pessoas que acham que não, que acham, as pessoas têm seus preconceitos, aí fala; “Beco.” Eu falo Beco Cartola, moro no beco Cartola mesmo, mas tem pessoas que já não ‘gosta’. Quer dar o nome da rua porque, eu já não sei, né, tem preconceito com beco. Tem pessoas que não gostam de usar essa rua... esse nome. Porque às vezes, quando vêm cartas assim, às vezes eu falo pras pessoas, às vezes mesmo lá no posto, né? Eu trabalho com a comunidade. Aí eu já conheço, eu digo: “Olha, gente, olha só,

não bem por aí, a rua deve ser esse nome, não é não? “Ah, mas eu não gosto de usar esse nome não! Eu gosto de usar o nome da rua...” “Mas aí facilita mais, vamos supor que você faça um exame qualquer aqui no posto, eu preciso ir lá na sua casa... Eu vou, mas se eu não tiver de ir, for uma outra pessoa, já dificulta, né?! Esses nomes ‘é’ pra facilitar e os nomes são muito ‘bom’. Tem um beco lá em cima que chama “César de Alencar”. Ninguém gosta de César de Alencar! (*risos*) E não aceitam, e dizem que é Sizano Nabuco, não sei que dia... não sei que número. E o César Alencar eles...

GG – E Cidinha campos é aceito?

VP – Cidinha Campos, Cidinha Campos é!

TF – Ah, então não é só nome de ator, de músico!

VP – Não! De cantores, de músicos, né?! De artista musical, né? Cartola, Dircinha Batista, Linda Batista, tem Dalva de Andrade... Tem uma porção, tem Jamelão... Beco Jamelão também ninguém põe quase. Porque é um beco tão curtinho que eles botam a Rosa da Fonseca, 122, parece. É logo ali na entrada. Eles também não gostam de botar “Jamelão”, não é? Tem Roberto Carlos, tem Vila Lobos, tem Cidinha Campos, né, que é uma... uma... ela não é artista, mas é jornalista... né? Só de celebridades (*risos*), pessoas famosas, né?! E eu acho bom também que as pessoas não ‘esquece’, né?

TF – E me diz o seguinte, já com tantos músicos nas ruas, tem muitos músicos, muitas pessoas que fazem essas rodas de samba... como é que é essa relação?

VP – É, olha só, aqui já teve até mais, né? Mas as coisas aqui, é como eu digo, aqui é um lugar em que as pessoas não vão muito adiante. As pessoas fazem as coisas e daqui a pouco não tá dando em nada, né? Mas a gente já teve muitos ‘brocos’ aqui famosos, acadêmicos, outros mais, desfilavam lá em Bonsucesso... hoje não. Mas agora, ultimamente, a associação comprou, né, as peças e saiu nesse ano o ‘broco’. Não se é por causa dos Discípulos de Oswaldo estar vindo muito aqui, incentivou o pessoal e aí o pessoal agora ‘botaram’ o ‘broco’ na rua.

TF – Eles saíram com os discípulos de Oswaldo?

VP – Não, não saíram. Eu acho que incentivou, né? Porque o Discípulo de Oswaldo, é... ele ensaia aqui no Bairro, no bar do Chico. Então, comunidade toda vai toda pra lá, né? Então eu acho que os meninos ficaram, estimulou eles, eles compraram bateria esse ano e já saiu o ‘broco’, mas só por aqui mesmo. Não fizeram como os outros anteriores que tinha só a roupa, tinha música, né? Não saiu sim uma música. Não, porque tinha um grupo aqui, grupo de... acho que é grupo, grupo “amigo”. Né? Eles jogam futebol no final de semana... eles fazem passeios e eles fizeram, né? Faz parte também da associação, aí esse ano sai o ‘broco’, mas eu não séc nome do ‘broco’ não! O ‘broco’ é recente. Não sei se é ‘Broco’ dos Amigos, porque esse ano acho que deram um outro nome a esse ‘broco’, né?!

TF – Mas independente de ser carnaval, eles têm, se reúnem, fazem um pagode, tocam...?

VP – Antigamente tinha um pagode na padaria. Mas agora não tá tendo mais pagode. Tem ali o bar do Pepino – não tem logo aqui, na Sizenando⁴? Pepino Bar? De vez em quando tem um pagode sim, mas são pessoas que vêm de fora. E o Pepino também.... porque eles têm um grupo, o Pepino, ele tem um grupo.

TF – Eram compositores falando sobre a história da... da comunidade, alguma...?

VP – Não, isso não. Isso não. Já houve há muito tempo, muitos ‘brocos’... falava, né, da comunidade..., mas ultimamente não tem tido não.

TF – Então tinha compositores da comunidade que falavam da história da comunidade. É isso?

VP – Não, não é dizer eufalava da história da comunidade, mas falavam na... da comunidade, né? Não era bem uma história. (Inaudível) de alguma coisa, do lugar... Mas hoje não... isso não tá tendo não. Ultimamente não tá tendo não. Agora, não sei agora, né, eles compraram instrumentos, essas coisas, né, vamos ver o ano que vem como é que vai ser. Né? A comunidade andou um pouquinho assim desanimada com essa história de samba. Mas já teve muito samba, já teve muito time bom de futebol aqui, né?...

TF – Agora eles jogam futebol agora aonde?

VP – Agora eles jogam na Fundação. Nos domingos de manhã, naquele campo... (Inaudível) é, jogam lá, tem um grupo aí que vai nos torneios... (Inaudível) Como?

TF – Com os funcionários da Fundação ou não?

VP – Não... é, alguns deles são. Eles sempre têm time de fora, convidam outro time, ou faz solteiro/casado, aquela coisa entre eles ‘mesmo’... Depois faz uma comida ali, cozinham lá... (*risos*) Aí cada dia, cada domingo, é uma comida diferente, né?

TF – A Fundação é o quintal!?

VP – A Fundação não... é... eles fazem o futebol e a comida é aqui numa vendinha que tem ali do Carlinhos. Porque tá chovendo, eu não sei, mas mesmo assim eu vou com vocês ali porque essa coisa desse grupo, se você quer saber mais um pouquinho dessa coisa de... desse grupo mesmo que tá existindo e dessa... desse novo ‘broco’, Carlinhos é ótimo pra falar. (Inaudível) que o Carlinhos também pode ter uma história boa pra te contar, né? Porque participa mais de muita coisa que eu não participei.

TF – E me diz o seguinte, e a relação de vocês com as outras comunidades?

⁴ Refere-se a Rua Sizenando Nabuco.

VP – É, olha o que é que acontece aqui na comunidade. Muitas pessoas, né, ‘acha’ que ali embaixo é violento, né? Muitas pessoas aqui acham que isso aqui não é favela, as pessoas aqui já têm um pensamento diferente. É por isso que eu digo que aqui não vai muito pra frente por causa desses pensamentos ‘diferente’. Aí as pessoas pouco, vai algumas, mas poucas pessoas se ‘interessa’ pelo lado de lá, né? Eles vão mais pra Bonsucesso, vão pra outro lugar... E agora também com essa violência... *(interrupção da fita)*

Fita 1 - Lado B

VP – É... a violência também afasta muito, né? E antes mesmo, as pessoas sempre... lá foi mais violento no outro lado, né? E aí afasta também por causa disso, né? E eu acho também que devia ter uma integração maior com os presidentes das ‘associação’, né? Os presidentes das ‘associação’ também podia fazer essa... essa integração, mas é distanciado. É distanciado.

TF – A Gleide quer falar.

GG – Essa... como é que se dá a mobilização dos moradores em torno da associação? São os moradores que fortalecem (Inaudível).

VP – É, mas olha só, a...

GG – ...ou eles deixam mais por conta da associação?

VP – Eles deixam mais por conta da associação, né. A comunidade se mobiliza pouco, a comunidade nem tem participado muito da associação porque com o tempo vai perdendo a confiança, sabe? Já teve muito presidente aqui ‘bons’, mas outros que fizeram muita coisa que não foi legal pra comunidade. Então hoje, a comunidade não acredita muito. Muitos falam: “não dá pra acreditar na associação, a associação não faz nada pela gente!”

GG – E outros grupos, já surgiram outros grupos de liderança comunitária sem ser a associação? E qual é a participação deles na comunidade? Em termos de mobilização, por exemplo.

VP – Não... não apareceu não outras associações...

GG – O Grupo de Mulheres.

VP – Não, o Grupo de Mulheres que acontecia... era... era... um grupo de mulheres que acontecia antes, há muito tempo, quando foi numa outra gestão, que não é meu não! As pessoas pensam que é meu, mas não é meu não. Mas era pouca a participação. Tanto é que ficou por aí mesmo, né? Agora, a gente tem um... uma Associação de Mulheres do Complexo de Manguinhos como um todo, que é o nosso, que a gente trabalha, mas a gente faz um trabalho mais visando geração de renda, né? Que é aquela coisa da oficina, de

ensinar pras mulheres conseguir, né, aprender alguma coisa e poder ganhar um dinheirinho fazendo artesanato, fazendo essas coisas... (Inaudível).

TF – Isso dentro da Associação.

VP – Não, não. A gente tem o nosso núcleo da (Inaudível) da Fiocruz. É uma integração nossa, né? Um núcleo que a gente... a gente sempre fez esse trabalho. Até por causa da coisa da HIV, Aids, da ajuda das pessoas, as pessoas sempre reclamam que não têm dinheiro e também nem sempre o posto de saúde tem remédio que eles ‘precisa’. E daí surgiu o Bazar da Solidariedade que a gente tem, e surgiu essa Associação de Mulheres pra gente poder organizar o trabalho, entendeu? Mas ela não é assim uma coisa de... geral da comunidade, como a associação de moradores é. Ela visa mais esse lado, de geração de renda.

TF – Mas era uma... uma... um grupo... esse grupo é da Fiocruz?

VP – Não, não era um grupo da Fiocruz. Eu sou a presidente da associação, mas a gente fez a associação em relação aos projetos, aos trabalhos que a gente tem na comunidade: da prevenção ao DST, ao Bazar da Solidariedade que a gente tem lá... mas que os funcionários doam, fazem a sua doação, é vendido no bazar lá dentro da Fundação, mas isso no posto de saúde, né, em geral é na entrada do posto de saúde... esse dinheiro é revertido em benefício desse pessoal lá, as pessoas de HIV positivo.

TF – Mas aí não é só da tua comunidade, é das outras comunidades também.

VP – É da comunidade toda, é da comunidade toda...

TF – Manguinhos toda.

VP – Complexo de Manguinhos, né? As pessoas que ‘tiverem’ interessadas. Mas não é só de mulheres, é mulheres e amigo. Tanto que a gente tem lá na oficina homens também que ‘faz’ cestaria... Porque o produto também que é produzido lá na... na oficina é... é também vendido nesse Bazar da Solidariedade. Quer dizer, quem faz o seu trabalho, né, divide, deixa lá pra... pra... em benefício das pessoas e fica com o seu dinheirinho. Quer dizer que as pessoas ‘aprende’ bordado... várias coisas. E a gente nem paga as pessoas que às vezes ‘vai’ lá dar aula, né? E tá indo, né? É uma coisa que não é tão nova, ela começou em 99, mas tá indo, né? Tem tido muito resultado, tem favorecido muitas pessoas, né? E tem casos ‘interessante’, né? E teve uma... e teve uma... eu vou contar esse caso porque eu acho muito interessante, sabe? Uma pessoa, né, que se descobriu portadora do HIV, mas o marido dela já era portador, só que a família não aceitou, não achou que não foi o marido... o filho, né, que passou o HIV pra menina, achou que foi a menina que passou pra ela. Mas ele já ‘tava bem doente, né, e ela não. Aí ele veio, ela morava no quintal deles, aí ele veio a falecer. Aí ele faleceu, o que é que fizeram? A família botou ela pra fora de casa. “Foi você a culpada, foi meu filho...” Coitada! Aí foi ela bater lá no Bazar. Menina, aí ela disse: “E agora o que é que eu vou fazer?!” Com dois filhos pequenos, os filhos também fazendo tratamento... aí

foi com esse dinheiro que a gente ajudou ela pra ela poder dar o... – como é que se dá... quando vai alugar a casa?

GG – Depósito.

VP – É, depósito. Ela foi morar lá na Nova Holanda porque foi o Bazar que deu o dinheiro, né? Pra ela poder dar o dinheiro pra poder morar nesse quatinho. Porque ela trabalhava na casa de família... E é assim que o Bazar faz, a pessoa que não tem gás, não tem um pedaço de carne, tá com dificuldade... aí o Bazar é pra atender mais essas coisas, né? Só que não tá fechado só pra isso, ele tá aberto pra outras coisas. Mas, a gente tem ajudado muitas pessoas. E até mesmo, às vezes as pessoas em geral não ‘pode’ comprar, ‘tá’ sem roupa, a gente “Não, pode levar...” né? É a doação que a gente recebe. Então na Associação de Mulheres é mais voltada pra essas coisas: geração de emprego, cursos... não é associação de moradores. É isso que eu quero fazer a diferença (Inaudível) O outro grupo que tem é esse, né, Gleide? É esse grupo que tem nosso, né, da associação e ela também trabalha a prevenção, né, DST, Aids, a gente tem um caminhão educativo que a gente vem toda às ‘quarta-feira’ aqui pra Rosa da Fonseca e a gente comprou uma barraquinha de camelô e ali a gente dá os preservativos pras pessoas, informação sobre o DST, Aids, né? E aí fornecemos preservativos e cadastramos.

TF – Aí a Fundação fornece pra vocês e vocês fazem esse cadastro.

VP – É, o Ministério, né? A Secretaria que fornece. Mas vem junto com a Fundação. Vem junto com a... A cota da Fundação vem junto com a cota da Associação de Mulheres, né. Então através da Associação de Mulheres a gente faz também esse trabalho de prevenção em DST, Aids. E a gente... a gente já teve esse trabalho dentro da associação e moradores, que a gente também tem uma integração com a associação de moradores. E ali a gente trabalhava muito a saúde da mulher, né, mais voltada pra mulher. Métodos anticoncepcionais e também a prevenção. Só que, o que é que a gente via mais? Só mulheres, nunca vinha homem, quando vinha homem era quando acabava, aí vinha um: “Vim pegar preservativo...” “Dona Vilma, tem preservativo?” Mas quando saía todo mundo. Aí comecei “Gente, a gente tem de arrumar uma maneira de sensibilizar esses homens (*risos*) e fazer, e pra conseguir homem a gente tem que ir pra rua. Então vamos pra rua, vamos comprar uma barraca...” aí montamos o camelô educativo. Olha, como ganhou a barraca! Rapaz, o pessoal... Todas às ‘quarta-feira’, de 2 e meia às 4 e meia, aqui na Fonseca, a gente monta a barraquinha e dá informação... é também é... – como é que se diz? – orienta, qualquer caso de DST, Aids, leva pro posto de saúde, saúde da mulher... métodos anti-conceptivo, a gente tem um grupo de anticoncepção na Assoc... lá no posto de saúde, a gente manda essas mulheres, né? Tem muitas que não... que tem aquela coisa de não conhecer o corpo. Esse trabalho você conhece porque a gente já fez ele junto. Todo esse trabalho a gente faz aqui na associação, uma vez por mês a gente passa vídeo sobre o DST, Aids, a gente faz uma palestra, convida pessoas que queiram ‘vim’ fazer palestra pra gente, né? A finalidade da nossa associação é mais essa. É saúde, é geração de renda, aprendizado, né? E junta também com a associação de moradores, a gente não tá fora dela, a gente tá junto, só que é uma associação...

TF – Com as associações do Complexo todo, seria isso?

VP – Essa... essa... é, do Complexo todo.

TF – Tá. Vilma, só... Ham?

VP – É esse o grupo que a gente tem.

TF – Só voltando a uma coisa que eu estava me... me perguntando aqui. Com relação à construção, ao saneamento básico e à estrutura, essa estrutura de saneamento da...

VP – É, o nosso saneamento é péssimo ainda. A Fiocruz...

TF – O Estado não faz nada aqui?

VP – O Estado não faz nada aqui.

TF – O calçamento de ruas...

VP – É, tudo assim, né, teve uma época que veio, mas eu acho que foi através do Cynamon, das pessoas aí, que a gente conseguiu essa... (Inaudível) a gente conseguiu essa última... esse último trabalho aí... de esgoto e saneamento. Mas é péssimo, a maioria é... as pessoas vão, é que fazem, né? Aí foi que aconteceu que veio muito material que a associação, o presidente da associação ficou com a maioria pra ele, foi daí que deu essa desavença que as pessoas não ‘acredita’, entendeu?...

GG – Que tipo de material?

VP – É material que vinha pra saneamento, cimento, tudo isso, e eles não fizeram um serviço bom, ficaram com a maior parte do material.

GG – De onde vinha? E quem mandava esse material?

VP – Olha, gente, eu não lembro bem não. Mas deve ser...

GG – Mas não vinha só material, não era parte de um projeto maior...?

VP – Não, eles ‘pagava’, era um projeto maior...

GG – Eles pagavam?

VP – É. As próprias pessoas da comunidade, pra trabalhar... (Inaudível) É, pagavam pras próprias pessoas da comunidade, então muitas pessoas se sentiram... Eu não tive muita... muito do que me queixar não. Eles fizeram aqui no beco, aqui no meu beco, legal, tudo bem... mas teve lugar aí que as pessoas reclamavam muito, né. As pessoas reclamaram muito.

TF – Mas o esgoto cai aonde? Já que é feito por vocês, cai na via...?

VP – Esse esgoto... eu acho que ele cai, ele caía ali numa... tem um negócio, tem um... um...
– como é que se diz? – de esgoto aqui na Fiocruz...

TF – Estação.

VP – É, naquela estação que está desativada. Aquela estação de tratamento, eu tenho quase certeza que vai pra ali.

TF – Até hoje você acha que vai pra ali.

VP – Eu acho que vai pra ali. Porque a gente não tem rio, não tem nada, é ali mesmo. A estação de tratamento dali da Fiocruz. Não tem ali? É, acho que é aquela estação...

TF – E a captação de água é como? Eu sei que é ruim. Você já falou que tem uma captação lá em cima... ela vem da onde, da prefeitura? Vocês ligam no cano da prefeitura legalmente ou é... um “gato”, molhado?

VP – É, a gente não paga, então tudo que não paga não é legal! (*risos*) Não, a gente também tem essa questão. A gente reclama mas a água é ruim, mas também ninguém paga. Tem isso também, né? A luz não. A luz as pessoas ‘paga’, mas a água não ‘paga’. Então também tem aquilo, né? A gente reclama, reclama, mas (Inaudível)...

TF – A luz vocês pagam, mas ela veio da Light, arrumadinha no poste, ou foi um “gato”, alguém que ligou todo mundo...? Como é que foi essa história da luz?

VP – Não, antigamente tinha essa rede de luz, tinha essas coisas todas, mas hoje não, hoje vem da Light, né? Agora, tem pessoas que ‘faz’ “gato” mesmo, diz não paga, aí é de cada um, né? Mas vem legalmente.

TF – Vem da Light a continha, a conta vem da Light.

VP – Vem, vem direitinho.

TF – Não é conta via associação?

VP – Não, vem pra cada morador. Cada morador. Tudo direitinho. Cada um tem seu relógio, né?...

TF – E me diz assim, as construções, elas são feitas como? Como é que vocês fazem...?

VP – Não, por exemplo, se eu quero fazer qualquer melhoria eu tenho que pegar um empreiteiro, pagar a ele, ver o que vai gastar, comprar o material e a gente faz por conta própria. Por conta e risco, né? E... e a gente nos fins das contas, a gente é engenheiro, no

fim das contas a gente é tudo. Porque a gente, (*risos*) a necessidade obriga. Não é?! Engenheiro, calcula, faz, eu mesma faço a minha casa, eu mesma rabisco... quero assim...

TF – Tá. E os becos, eles foram cimentados, o chão da maior parte deles é cimentado, né? Foi...

VP – É cimentada, também foi... foi também a coisa da associação. Muito tempo, eu não sei te dizer bem não, mas na época eu também não me interessava muito, não tô bem por dentro. Eu sei que vinha à noite, um bocado de material. Aí todo mundo da comunidade ia botando de beco em beco, foi nessa gestão desse presidente que botou o nome das ruas de artistas, o “Jangada”. Então o Jangada trazia tudo à noite, eu não sei da onde vinha, eu sei que ele arrumava à noite, vinha... vinha à noite. (*risos*) Agora, da onde vinha eu não sei. Eu só sei que todo mundo ficava esperando pra cada um ajudar a cimentar o seu beco, ajudar a espalhar o concreto.

TF – Ah, já vinha o concreto pronto!

VP – Já vinha o concreto pronto.

TF – Era resto de obra.

VP – Era resto de obra. Agora, da onde eu não sei, gente! Não sei se foi quando fez o Metrô, eu sei que era uma obra aí que fizeram, então... (*risos*)

GG – Essa história é um tanto quanto comum nessa região. É resto de obra.

VP – De obra.

GG – Lá no CHP2 tem rua asfaltada que foi sobra da ofici... daquela usina de asfalto que tem lá na Francisco Bicalho, resto. Aí o cara que mora na comunidade, trabalha com o deputado tal, que é funcionário...

VP – Isso!

GG – ...o cara é candidato a deputado, é funcionário de lá pra ganhar voto da comunidade ele traz. Era resto mesmo.

VP – É resto mesmo! (inaudível)

GG – Aí as pessoas param, aí traz pra cá, asfalta a rua e ele ganha a simpatia da comunidade.

VP – Aí o que é que fazia? As pessoas “Olha, hoje é no seu beco.” Aí as pessoas tinham que ficar tudo esperando, com a sua pá, enxada... aí vinha, jogava... Eu quase não via porque era à noite. (*risos*) Quando eu via já estava tudo espalhado e foi assim que conseguiram, né?! Agora, da onde vinha esse resto, eu não sei se era do Metrô... eu não sei,

vinha de um lugar aí... que eu não sei bem da onde. E assim que foi cimentado, senão ainda ‘tava (Inaudível) lá. Naquela... como era antes, né? E a coisa da... da... do beco ficar cada vez mais estreito porque a gente não tem mesmo noção disso, né? As pessoas só ‘vai’ ver depois. As pessoas ‘quer’ mais é ter uma casa pra morar, um lugar pra fazer, né? E vale a pena porque o lugar aqui é muito bom. Muito calmo, muito família, todo mundo se conhece, todo mundo se dá bem... não tem violência, né, na tem tráfico de droga...

TF – Já houve tentativa de algum grupo entrar aqui, de tráfico de drogas?

VP – Não teve não. Mas antigamente o pessoal falava: “Ih, a gente vai invadir...!” Eu não sei... Teve um Natal, né, há muitos anos, isso já faz muitos anos, que o pessoal dizia que o pessoal lá de baixo ia invadir isso aqui, mas essa história de invasão, (*risos*) sempre falam isso, mas... não acontece não. Não, nunca teve uma coisa assim decretada, a gente vai... comentário das pessoas. Até que teve aqui um tiroteio tão grande, o pessoal ficou apavorado: “Ih, Manguinhos tá invadindo aqui!” e corre pra ali, corre pra aqui... (*risos*) mas não era nada aqui. É porque vieram até à Leopoldo Bulhões, até aqui em cima, agora os policiais deram de entrar pra cá, né? Ficar por aqui acuado... aí o pessoal achava que era aqui. Mas aqui (Inaudível) eu acho que também não faz muito porque aqui mora muito PM, né? Policiamento... aqui mora muito PM.

TF – Isso é bom ou ruim?

VP – Eu não sei, sabe? (*risos*) Em parte para evitar esse tipo de coisa, de botar Boca de fumo, eu acho bom, entendeu? Porque pelo menos já é uma coisa... né? Já é um pouquinho de sossego que você tem. Porque todo lugar que tem uma boca de fumo tem confronto. Ou com a polícia ou... Aí sim, que poderiam querer invadir, porque aqui tinha uma boca de fumo, nego vinha querer tomar. Então esses ‘policial’ morando é bom porque evita de ter isso. Eles vêm, eles falam porque tem uns meninos viciados, fuma, eles vêm e avisam: “Ó, vamos lá!” Morador liga logo (*risos*) porque morador daqui não dá guarida, qualquer coisa eles ligam logo. Porque os meninos começam a fumar muito ali, eles ligam lá pra central, (Inaudível) liga lá pros PMs (inaudível) os PM vêm falar: “Olha a casa dos outros, respeita a casa do vizinho...” Aí eles: “Vão fumar pra lá, tem um beco ali embaixo, fuma lá, mas não atrapalha!” Entendeu? Aí as coisas ‘fica’... Quer dizer que é bom nesse sentido, né? Que as coisas têm pelo menos um controle. E também não é por isso não. Eu achei que também não é um lugar que dê pra botar boca de fumo, porque não tem muita saída, né? Agora então que fecharam aqui, (*risos*) só tem uma saída. Fica difícil, sabe?

MS – Fecharam aonde?

VP – Aqui na Avenida Brasil. A gente passava direto, Sizenando Nabuco e saía lá, o carro. Agora não sai. Depois que fizeram essa Linha Amarela aí, um carro não sai lá.

WM – Porque correu também um boato de que essa área seria do 3º Comando.

VP – (*risos*) É, mas isso sempre falaram! Não, mas essa coisa de fechar foi por conta da Linha Amarela que fizeram, foi obra mesmo! Entendeu? E fizeram assim... e o presidente

da associação, as pessoas não acompanharam. Quando viu, fechou, a linha expressa tinha que fechar. Então o carro a gente tem que dar volta, mas antigamente a gente era direto, você entrava aqui saía na Avenida Brasil. Agora não, agora você tem que ir por Bonsucesso, pegar um desvio ali, não sai mais, não é? Então essas coisas também, eu acho, que...

TF – ...dificulta a fuga (Inaudível).

VP – ...dificulta a fuga, né? Mas também não tem muitas pessoas assim... eu não sei, eu não sei também como é que funciona essas coisas de boca. Eu acho também que não tem muitas pessoas que ‘tão’ assim envolvidas, não sei. A questão do transporte, aqui em cima tinha duas linhas de ônibus: a 902, 903. (Inaudível) Por que é que elas saíram...

GG? – (Inaudível) em que é que isso mudou? Era (Inaudível)?

VP – É... é. Olha só, hoje ainda tem aquela 497, que vem só na parte da manhã. Quem vai lá pra... 498, parece. Só vem na parte da manhã.

GG – Cosme Velho.

VP – Cosme Velho. Só vem na parte da manhã. 902 e o 903 da mesma linha, só vêm também de manhã. Porque começou a van, começou a Kombi, a Kombi me deixa aqui (Inaudível). O que é que acontecia com os ônibus? Vinham vazios, vinham vazios. (risos)

GG – Mas as kombis pegaram ainda os ônibus aqui, circulando, fazendo ponto aqui por cima...?

VP – Pegaram! Só que vinham pouco também! Era pouco, demorava! Tinha o 902, 901, mas demorava muito... você ia em Inhaúma...

GG – Quer dizer, o serviço já era deficiente antes da chegada das vans.

VP – Já era deficiente, já era muito precário! Então a Kombi veio satisfazer um... uma necessidade das pessoas, né? Porque qualquer coisa de bom... não sei, não tô dizendo que ‘seje’ bom, não sei, mas pelo menos favorece a pessoa... e tem outra coisa... aqui na porta, pára em todas as portas, desce aqui embaixo, eles só ficavam lá em cima no ponto final... “Ah, eu quero parar lá não sei aonde...” Eles param. “Ah, agora eu quero ir na Rua 2!” Eles deixam a pessoa aqui, vão lá na Rua 2. Tem esses... é (Inaudível), gente. Em todos lugares, não é só aqui, né? Eles deixaram muito a desejar, né? Eles deram... deram...

GG – ... brecha.

VP – ...brecha, né? Agora tomou conta e... e não sei como melhora pra te dizer. Claro que ônibus dá mais segurança, é outra coisa, mas e a necessidade da pessoa de ficar esperando quanto tempo pra ‘vim’ um ônibus? Você ficava em pé ali o tempo todo e cadê o ônibus? Depois que veio a van, eles botaram bastante ônibus, né, até aqueles micro-ônibus, mas aí já não deu mais. As pessoas perdem o costume, não tinha como.

TF – Dá mais segurança o ônibus, em que sentido você acha?

VP – Não, porque... eu digo assim... é... no ônibus dá segurança essas coisas: as crianças já não pagam, né, as crianças maiores, os idosos, né, já têm o seu passe... na Kombi não, tem de pagar, entendeu? A gente né, tem que pagar, né? Com ônibus eu acho que a empresa é responsável por qualquer coisa que aconteça, num desastre, um acidente... né? Tem um seguro. A Kombi não, o que acontecer fica por isso mesmo, entendeu? Tem essas coisas, né? Tem os dois lados, né? Agora tem aquela facilidade: você quer (Inaudível) Kombi ali, você vai e a Kombi não demora. Daqui a pouco a Kombi tá ali. Me traz aqui no portão, venho com bolsas... Naquela roleta eu não passo com bolsa. Roleta do ônibus (Inaudível) umas ‘catacas’... catracas, sei lá... você não passa com duas, três bolsas, na Kombi você vem. Abre lá atrás, você bota suas bolsas, confortável, né? E no ônibus não, você passa com sacrifício! Às vezes eu sacrifico os meninos, prefiro até que os meninos ‘passam’, pago eles. E às vezes eles não querem abrir a porta lá de trás, né, aí vai pela frente. Porque não dá nem pras crianças ‘passar’ por baixo de tão apertado que tá. Uma mulher grávida, uma mulher muito gorda, tudo bem, tem que abrir lá atrás, por certo. Mas nem todo motorista abre, porque os motoristas têm uma pressa incrível. (*risos*) Que dá até medo de você ir! Eu não deixo os meninos (Inaudível) eles vão, os ‘menino fica’ (*risos*). Na Kombi não, não Kombi eu boto em pé... não pago. Não pago porque eu moro aqui já há muito tempo e os meninos ainda são pequenos. Mas... é essa, né, gente. É muito difícil a gente avaliar os dois lados: do ônibus e da van. Tem os seus lados bons, mas tem esses outros lados, né? Da coisa de... da segurança... né? Sofre um acidente com a Kombi...

TF – O hospital que serve vocês qual é?

VP – Tem o Hospital Geral de Bonsucesso, né, o posto de saúde, esse da Fundação... tem o Souza Aguiar, tem outros, mas é mais no Hospital de Bonsucesso porque é mais perto, né?

WM? – (Inaudível) Del Castilho...

VP – Isso, quando tinha um ônibus que ia a Del Castilho... né? Del Castilho ainda vai, mas você tem de pegar duas conduções, fica difícil. Antigamente a gente tinha esse ônibus. É isso que eu às vezes falo: “Puxa, tem a Linha 1, agora eu tenho de pegar dois ônibus”. Porque Manguinhos demorava, mas... tá vindo, faz falta! A gente pensa assim. Porque a Kombi não vai entrar lá.

TF – Me diga o seguinte, tem alguma... ali na rua de cima, na...

VP – Ham? (Inaudível).

TF - ...Sizenando, na Rosa... nós vimos muitos galpões, quer dizer, muitas casas que viraram galpões. Pequenas indústrias...

VP – Ah, então não é a Sizenando?...

MS – Não, é a Carlos Tavares...

VP – Ah, Carlos Tavares! Tem, lá já é urbanizado. Lá tem muita fábrica, muita indústria!

TF – Isso ele tá atendendo ao desemprego aqui, tá empregando essas pessoas?

VP – Olha só, os... os... os presidentes da associação têm feito esse trabalho, né? De procurar, de pedir a eles pra que dêem preferência às pessoas da área. Agora tem muita firma, tinha uma firma eu abri há pouco tempo aí, que só tinha... as pessoas trabalham aqui sim. Tem muita gente trabalhando. Até os PMs mesmo, eles vêm, se tiver eles vêm “Em vez de vocês ficarem aí de bobeira, fumando maconha, vão trabalhar. Ó... tem a fábrica lá dando vaga.” As pessoas aqui fazem isso assim. “Vai trabalhar.” As ‘obra’ da Fundação, tem uns meninos que trabalham... A COOTRAN tem ajudado muito...ajudou muito, muita gente trabalha...

TF – A COOTRAN tem muito funcionário daqui.

VP – Ah, tem, né?! Do Manguinhos... no geral, mas também tem muito daqui também, né? De todas as áreas. Muita gente ainda procura, apesar de tudo. Agora as firmas, elas... elas... têm um presidente da associação, pelo menos outro anterior a esse pedia, que fazia, ia lá, né, e pedia pra que tivesse vaga dessem preferência aos moradores.E pra eles é até melhor porque se tem uma greve, uma coisa qualquer, já tem o funcionário ali, não mora longe. Não é mesmo? Você tem a coisa de almoçar em casa... de repente já facilita muita coisa, né? Agora, o... aqui no Parque Oswaldo Cruz, o ruim mesmo é escola pública, né? A gente não tem escola pública. A gente tinha que ter um bom colégio.

TF – E vocês já fizeram, encaminharam essa...?

VP – Ah, já fizeram! Tem uma Região Administrativa ali, né, ô, Gleide, ali embaixo, que nem funciona. Ali onde é o ponto de ônibus. Aqui na Leopoldo Bulhões.

GG – Aquilo não era região, aquilo era um TRE.

VP – UM TRE, né?

GG – TRE.

VP – Pois é, lutaram tanto pra aquilo ali ser uma escola! Mas não conseguimos nada.

GG – É abandonado, do governo federal.

VP – É, do governo federal. (Inaudível)

GG – Abandonado entre aspas, porque quando invadiram a CONAB... diz que eles cercaram imediatamente pra evitar que fosse invadido.

VP – É. E eu vejo uma família, uns ‘pessoal’ ali. Mas não funciona com uma questão que eles dizem que é. Eu sei que acontece ali. Então já lutaram muito pra ali ser um colégio, né, uma escola pública, seria importante. Muito bom pra aqui.

TF – E me diz o seguinte, o Abrigo Cristo Redentor ali embaixo, ele tem alguma relação com vocês, ele fez algum tipo de trabalho com vocês?

VP – Não, que eu me lembre não. Ele já foi mais ativo em outras épocas, né? Se falava mais no Cristo Redentor. Agora eu acho que eu vejo ele distante.

TF – Ele era ativo como? Fazia o quê?

VP – Não, achava que se falava mais... e... tinha aquela coisa de internação de idosos, não era? Era internação de idosos. Tinha uma igreja também, tinha muita missa ali naquela igreja Cristo Redentor... e tinha uma coisa de idosos, né? As pessoas...

WM – Ainda tem.

VP – Ainda tem, né? Mas eu não sei como é que funciona mais. Antigamente eu ouvia falar mais.

WM – Porque hoje, agora, só tá tendo... é... pela Igreja Santa Bernadete. Os párocos de lá ‘tão’ fazendo missa lá na capela de cima.

VP – Hoje eu não sei. A gente não tem muito contato assim, que eu saiba não.

TF – Alguma coisa que você queria falar hoje? A gente pode voltar um outro dia depois que você...

VP – É, vocês voltam outro dia porque de repente eu vou relembrando e aí eu vejo a minha irmã também, que ela já tem mais tempo do que eu, às vezes tem uma memória melhor, aí você grava melhor.

TF – Uma outra coisa que a gente queria saber, hoje em dia passou-se a se substituir o termo o termo “favela” por “comunidade”, né? De um tempo pra cá. Como me que você vê essa mudança? Como é que vocês...?

VP – É, porque essa coisa de “favela” é muito preconceituosa. A pessoa fala “favela” parece que é uma coisa desorganizada, é uma coisa... E as pessoas às vezes não gostam dessa palavra “favela”. “Comunidade já dá uma idéia de organização de uma comunidade, não é? Eu acredito assim. E “favela” dá impressão de bagunça, de coisas à toa, de lugar mesmo de marginalidade... E as pessoas têm essas coisas, você fala “favela”, só tem marginal. E não é assim, a comunidade tem pessoas, claro que tem, pessoas trabalhadoras, honestas... como nós, né, eu vocês... E “favela” dá essa... e aí essa coisa assim passou a ser uma coisa ofensiva... (*risos*) Eu não gosto também da palavra “favela”, eu gosto mais de “comunidade”. Quando eu faço qualquer trabalho, falo Favela do Amorim, Favela do

Parque Oswaldo Cruz... eu digo: “não, comunidade”. As pessoas não gostam que fale “favela”. A favela virou uma coisa muito... muito... uma palavra muito feia. Dá a impressão de que é bagunça mesmo, desorganizada, só tem marginal, só tem... aquela coisa, né? E eu não sei, até o conceito de “favelados”... (*risos*) Mas é uma coisa que não dá, dá impressão de que é uma desorganização, uma coisa... E não é. A comunidade já dá uma coisa de organização, de uma coisa que é realmente a comunidade.

TF – Mas antigamente vocês eram, vocês se chamavam, diziam que era uma favela?

VP – Não, aqui as pessoas nunca ‘aceitou’, nunca gostaram de ser favela. Por incrível que pareça! As pessoas... você conversa com outras pessoas que vão falar pra você: “Isso aqui não é favela”. Você vai encontrar muita gente que vai falar isso pra você.

GG – Mas olha só, se “favela” é um termo pejorativo e comunidade é um termo mais decente, como os moradores mais antigos denominavam essa região, esse local?

VP – Mas aqui fala mesmo: “é Amorim”. Ninguém nunca falou favela.

TF – Morro?

VP – É “Morro” do Amorim... algumas falam “Morro” do Amorim.

GG – E o termo “Parque Oswaldo Cruz”?

VP – Parque Oswaldo Cruz é mais recente!

GG – Mais recente. Quanto tempo? Mais de 10 ou menos de 10?

VP – Ah, tem mais de 10! Tem mais de 10.

TF – E por que mudou o nome de Amorim pra... pra Parque Oswaldo Cruz?

VP – Aqui já teve uma época que era Parque Carlos Chagas, aqui já teve... Não, Estação foi Carlos Chagas. Mas aqui... Amorim, e vinha Amorim, depois mudou. Acho que foi com esse presidente também que mudou pra... pra Parque Oswaldo Cruz...

GG – Qual o nome dele?

VP – Jangada. Ele não mora mais aqui não. E às vezes ele tá até aí, mas ele era bom porque ele tinha muita coisa pra falar. Ele foi muito legal aqui, ele agia as ‘coisa’ dos ‘brocos’ no carnaval... Mas ele era também policial aposentado, aí ele mudou, entendeu? Agora, gente, não fecha não. Outra hora vocês vêm, eu penso melhor... e eu queria que vocês falassem, eu quero falar com ele primeiro, com esse senhor da chácara, esse senhor da chácara. Pra vocês saberem mesmo a realidade ali da chácara. Porque é o único espaço, né, o maior espaço que tem aqui. E com uma, duas casas, três casas né... aí fica diferente, você: “Ué, como é que é isso?!” Outro dia a menina perguntou, porque ali eles alugam pra botar carro,

pra estacionamento, essas coisas todas... aí minha colega veio aqui, ela falou: “Mas como é que é isso? Como é que pode aqui na favela...” – ainda falou “favela” – “...ter uma pessoa com um espaço tão grande?!” Eu falei: “Ah, minha filha, mistério!” (*risos*) Só conversando mesmo, né, fazendo uma entrevista... (Inaudível) Isso! Latifundiário. Mas eu não entendo (Inaudível) aqui dentro desse lugar, porque tem pessoas que têm um espaço muito grande e outras que têm pequeno. Mas mesmo assim comparando a outros lugares, aqui ainda tem um espaço muito bom. Tem lugares que ‘é’ muito fechado, não é mesmo?! Aqui tem pessoas que têm quintal grande, né, tem um espaço bom. Ainda tem também ali do outro lado, a menina... ela também tem quintal grande, apesar dela ter vendido, ter cedido, mas ainda... guarda... as pessoas aqui também elas se respeitam, entendeu? Cerquei, é meu, não é aquilo que “vai lá, apanha, é seu...” tem esse respeito, tem esse caminho. Em outros lugares, vamos supor que – tô dando só uma suposição – se é lá debaixo, num instantinho nêgo invadia aquilo ali! Não queria saber daquela terra, já tinha invadido. E, no entanto, as pessoas não invadem, né? Se fosse lá embaixo as pessoas já não tinham invadido feito casa e tudo?! -Não tem, isso aqui é favela, né? Não, as pessoas têm esse respeito. Cercou, é meu, fecho o meu portão... aí tem aquela coisa de respeito, né, de consideração, até porque já se conhecem. Porque lá no CHP2 teve muita mudança, muita mudança. Eu lembro de uma vez quando eu fiz aquela Favela do Esqueleto, que veio todo mundo pra cá, que fizeram Cidade Alta, as minhas ‘família’ toda morava ali, foi pra Cidade Alta, Quitundo... Aí vêm outras pessoas lá desse Esqueleto... E eu tinha parente também no Esqueleto, mas eles não quiseram ‘vim’ pra aqui, eles foram prum outro lugar. Então houve muita mudança. E aqui não muda, entendeu, o governo não mexe aqui! A gente não tem essa interferência.

GG – Isso! De lá debaixo teve muita remoção.

VP – Muita remoção!

GG – Aqui nunca teve remoção?

VP – Aqui nunca teve!

GG – Nunca (Inaudível)?

VP – Nunca ninguém mexeu. Então, lá teve muitas remoções. Tinha que ‘vim’ outras pessoas, é muito... isso é que eu falo, gente, “é muita coisa lá!” Fui criada praticamente aqui e lá, né? Minhas ‘tia’ moram tudo ali. Tinha um barracãozinho amarelo, depois teve a casa de cimento armado... mudou muita coisa! E tinha espaço, muito espaço! Esse lugar... – como é o nome? Daquele que tirou foto? Agora esqueci. – lá atrás, onde você... não morou?

GG - Coréia!

VP - Coréia era um campo enorme, tinha campo, a gente passava debaixo daquele campo... Então Manguinho também não era assim, também a gente ia tanto pra cá quanto pra lá... Havia antigamente essa coisa. Mas depois por causa das ‘violência’, as pessoas foram se acomodando. Mas antes tinha, a gente ia pro Jacarezinho, comprar as ‘coisa’, passava, ficava... depois ficou muita violência, mudanças, vieram outras pessoas que a gente não

conhecia... que era diferente, diferente assim, porque não conhece. Aí por isso que mudou. E as pessoas foram se recuando porque pra lá é muito violento. Mas por quê? Porque foi mudando. E aqui, e aqui não tem esse negócio, não muda, não mexe... tá parado. Aqui a pessoa ‘prantou’, deu frutos, vêm outros, mas não... não tem essa coisa de sair. Sair se você quiser. Eu quero vender essa casa eu vou embora, mas não tem essa coisa de remoção. Lá teve essa coisa de remoção. Outro dia eu ‘tava conversando com a Edite “Edite, eu sou pequenininha aqui.” quantas mudanças eu vi aqui no CHP2... Tem tido samba, São Daniel... lembra do homem que tinha lá, seu... seu Juvenal. Show do Juvenal! A gente saía pro show do Juvenal à noite. Era bom à beça! Ali onde é a... Beira Rio, que agora mudou tudo, tinha um palanque ali, tinha show. A gente ia, saía de lá 10, 11 horas da noite, subia isso aqui, não tinha...

GG – Nenhuma violência.

VP – Nenhuma!

GG – Tinha uma rádio, tinha um clube...

VP – Tinha! Não tinha problema nenhum. A gente ia e vinha...

GG – ...tinha um clube de escoteiros...

VP – É, isso. Depois, antes até de fazer o Hospital (?), depois fez o Hospital ‘Torres homens’, né, ali que é perto da fundação... a fundação que tinha um hospital enorme ali...
(interrupção da fita)